

JT
7/12/97 Pg 14A
32

PAJÉS DISCUTEM BIOPIRATARIA

Encontro secreto vai definir regras para divulgação e utilização de conhecimentos

Cem pajés e sábios de tribos brasileiras vão se reunir secretamente, no início de 98, para decidir como enfrentar a biopirataria. Os curandeiros querem criar regras próprias para combater um crime que gera a empresas e pesquisadores internacionais lucros de até US\$ 9 bilhões anuais. Os índios também querem deixar de ser apenas conhecedores de ervas para se tornarem fornecedores de conhecimentos.

O encontro foi planejado para evitar o assédio da indústria farmacêutica e de pesquisadores. O acesso à reunião será restrito a índios, antropólogos ligados às tribos e convidados especiais. Entretanto, na discussão sobre o uso das ervas e sua regulamentação, só poderão participar os pajés e os sábios.

Uma das decisões que deve ser tomada é a restrição à entrada de pessoas nas áreas indígenas. Os índios decidirão quais conhecimentos poderão ser repassados para o homem branco e sua forma de utilização. A



idéia inicial é transmitir o máximo de informações para a comunidade científica que, em contra-partida, ajudaria as comunidades indígenas.

Os pajés farão uma carta de princípios mostrando como seus conhecimentos podem ser utilizados pelos cientistas. Segundo o coordenador de Direitos Indígenas da Fundação Nacional do Índio (Funai), Marcos Terena, entre a identificação de uma planta e sua transformação em medicamento, a indústria gasta em torno de US\$ 300 milhões e 15 anos de trabalho. "Hoje o índio apenas mostra a planta, mas não têm o di-

reito de mostrar como ele próprio pode ser útil." A carta de princípios será encaminhada para a Organização Mundial do Comércio e a Organização Mundial de Saúde.

O Brasil não tem legislação de combate à biopirataria, comum na Amazônia. O Acre é o único Estado do País que criou uma lei para evitar as pesquisas ilegais, depois que o deputado Edivaldo Magalhães (PC do B) descobriu que um cientista

exportava ilegalmente material genético, contrabandeado de áreas indígenas, para o exterior.

Outra vítima dos biopiratas foram os índios caritianas, de Rondônia. Uma empresa estrangeira chegou até a usar a Internet para vender genes de índios das tribos. A Funai também suspeita de contrabando de genes de outros índios.

Os pajés e curandeiros transmitem seus conhecimentos, oralmente, de pai para filho. No futuro, os índios querem armazenar essas informações em computadores.

Edson Luiz/AE